

Processos de criação e gestão de uma TV Universitária

Autor: Julio Wainer

Titulação: Doutorando em Comunicação e Semiótica

Contato: julio@tvpucc.com.br

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Resumo: O número “zero” da Revista ABTU Dossiê TV Universitária: 45 anos de experiência¹ faz um enorme serviço ao reunir textos dispersos sobre as TVs Universitárias (TVUs) dos últimos anos. Neles, podemos acompanhar o pensamento acerca das TVUs nos primeiros anos da TV por assinatura, quando se tornou obrigatória, e refletem as angústias daquilo que sabíamos ser necessário - TVs vinculadas ao ensino superior - mas não sabíamos exatamente o que era ou por onde começar. Neste artigo pretendo discutir aspectos gerais da TV Universitária a partir das citações da revista e estabelecendo conexões com outras áreas do audiovisual. E ao final oferecer alguma experiência na gestão de uma TV Universitária, a TV PUC de São Paulo, que dirijo desde 2006.

Palavras-chave: Aspectos Gerais da TV Universitária. Gestão. PUC TV.

Planejamento da criação de uma TV Universitária

Muitas falas vão em direção da necessidade de planejamento, e em especial na busca por uma audiência previamente localizável.

“Antes de tudo conhecer quem será, ou quem queremos que seja o nosso público, conquista-lo e, depois, mantê-lo, ampliando” (Hohlfeldt, apud Calligaro, 2013, p. 30). Aqui, já se explicita o desejo de definir o público das TVs Universitárias.

“Não há clareza, na maioria das IES, sobre o que é televisão Universitária e qual a sua missão. Em decorrência, não há uma identificação precisa de seu público-alvo, nem das estratégias de programação que é preciso seguir, para chegar até ele” (Prioli, apud por Calligaro, 2013, p. 29). Novamente se apresenta uma ideia de definição de público e estratégias para alcançá-lo.

“... a discussão de questões que envolvam a definição das emissoras é fundamental, já que... servirão como base para a definição da programação e do conteúdo a ser veiculado pelos canais. Ocupar os

canais sem planejamento pode ser um equívoco. Para quem o porquê estamos fazendo a TV Universitária?” (Calligaro, 2013, p 31). A programação é pensada novamente de fora para dentro, como se a definição das condições externas à universidade conseguisse desenhar um modelo de TV para atendê-las.

“... na realidade, há poucas emissoras que, antes de entrar no ar, no cabo ou na rede, preocuparam-se em fazer um planejamento estratégico primeiro.” (Magalhães, p. 12). O planejamento é desejado, mas o seu caráter é limitado, e sofrerá mudanças inexoráveis.

É muito difícil sustentar em artigo acadêmico um discurso que minimize o planejamento, ainda mais em um ambiente universitário. No entanto, a criação e manutenção de um projeto alternativo dessa natureza, exigem muito além da “identificação de seu público alvo”. Na verdade, o planejamento por si só não dá conta dos esforços de implantação de uma TV alternativa. Os custos não “fecham”, o público é incerto, os objetivos difusos. O audiovisual de criação

não se alimenta de planejamento (ainda que esse possa ser muito importante em determinado momento da execução). Digam-me, qual documentário ou mesmo filme de ficção relevante no Brasil foi fruto de um planejamento de público? Mesmo nas telenovelas, audiovisual de ponta feito no Brasil, cujo desenvolvimento nos é apresentado por Esther Hamburger no livro *O Brasil antenado: A sociedade das Novelas*, vemos que, o que hoje é milimetricamente negociado, foi fruto de uma série de tentativas, com pessoas talentosas nos lugares de comando tomando decisões que mais tarde se mostraram acertadas do ponto de vista da indústria audiovisual.

É verdade que um plano de trabalho de caráter alternativo poderá trazer valores e custos e equipe, um cronograma de implantação e incremento da produção. Mas dificilmente conseguirá antecipar o seu público, e seu impacto. A TV Universitária disputa audiência e é assistida, mas não se sabe por quem, quantos ou quando. Não são muitos, na escala televisiva, mas ainda assim são alguns mi-

¹ - Disponível em <http://abtu.org.br/site/wp-content/uploads/2013/07/Revista-ABTU-00.pdf>

lhares. Não obstante, certamente é (e sempre será) coadjuvante do sistema televisivo, por sua própria natureza (a não ser que abandone seu projeto crítico de ensino superior, o que só confirma a sua importância). Deverá buscar como público todas as pessoas compreendidas na sua circunscrição geográfica (não faz sentido, como às vezes se aventa, fazer um canal de acesso público somente para universitários). Encontrará alguns universitários e suas famílias, como foi mencionado na revista ABTU, mas também muitas pessoas insuspeitas de assistirem TVU: porteiros, empregadas domésticas, idosos, jovens, aposentados, adultos na ativa, gente de todas as camadas sociais, em horários improváveis, dispostos a dedicar algum tempo a um canal que apresenta um ritmo menos intenso, que cadencia relações e conteúdos de maneira diferente. Um canal que passa por diversos temas, e não somente àqueles que nos afligem no dia-a-dia (do tipo “tragédias” ou “utilidade pública”). Enfim, um público afeito a formatação de programas (de entrevistas, por exemplo) que “respira” de outro jeito, menos ansioso, que não disputa atenção a todo o custo, e que portando encontra algo de humano no lado humanizado que ainda resiste em nós. A vertigem audiovisual não é o único caminho da TV. Não acredito enfim que haja um público potencial específico para as TVUs. Existe a população com acesso, parte da qual irá aderir à momentos da programação das TV Universitária dentro de seu espectro de possibilidades.

Vamos agora supor que o tal planejamento de implantação fosse feito. O representante da IES (instituição de ensino superior)

poderia então indagar: “Então, por que devemos investir nessa nova TV Universitária?” e a resposta seria incerta ou balbuciante. Pode trazer mais alunos, mas não é seguro. Pode proporcionar mais coesão interna à organização educacional, desde que cuidadosamente feito e mantido nessa direção, pois o inverso também é possível. Pode trazer mais prestígio e ajudar a aperfeiçoar a instituição, mas mantê-la exigirá recursos nada desprezíveis. E certamente não trará recursos por si, como se fosse um negócio lucrativo.

Uma TV Universitária, no entanto, é uma empreita que pode trazer qualidades como essas e muitas outras, que se inserem no incerto mercado de trocas da comunicação, tais como identidade, desenvolvimento comunitário, inserção social, aumento da autoestima. Pode ser (e o é, com frequência) um caminho longo e espinhoso, com poucas certezas e movida a entusiasmo. Depois de implantado, tem se mostrado baixa a possibilidade de extinção: comandos podem ser substituídos, equipe pode ser enxuta, mas a TV permanecerá².

Uma TV Universitária, como qualquer alternativa, será fruto da combinação de entusiasmo e oportunidade. Entusiasmo no fazer audiovisual, e no compartilhá-lo. Oportunidade de produção, e difusão, como são as TVs por assinatura, a agregação por Internet, ou a arquitetura de um *campus* favorável a um sistema de exibição em circuito fechado.

Uma TV pode originar-se pequena, no campo da experimentação, possivelmente com alunos de comunicação, e com alta taxa de redundância (muitos *playbacks* dos mesmos programas). Terá tem-

po para crescer e ocupar demais espaços institucionais e tempo televisivo. Nesse momento, se distanciará de uma formatação associada a um curso ou faculdade, e se assumirá natureza mais institucional (o que não implica necessariamente em conflitos com aqueles criadores, pois há espaço para todo mundo). É certo que há uma distância enorme entre fazer um vídeo que provoque o entusiasmo em quem o assiste e preencher a grade horária de uma programação. Essa distância deve ser percorrida palmo a palmo, desfrutando do prazer (e das dificuldades) da caminhada.

Fazer TV Universitária não é difícil (ainda que seja trabalhoso). Haverá algo de conversa, algo de aulas, de cinema, de TV comercial, de rádio, sendo que podemos tirar lições de todas essas formas de comunicação, e aplicá-las na TV. Num curso superior, começa a tornar-se mais próximo quando se percebe as diferenças entre fazer um vídeo (termo meio fora de uso para designar o audiovisual de curta duração) e fazer um programa de TV. O vídeo, assim como reportagens de TV, exige algumas “saídas” de equipamento, deslocamentos, entrevistas e imagens para, com muitas horas de edição, perfazer uma duração de, digamos, 14 minutos. Na TV, a carência por tempo audiovisual é bem maior.

Em uma televisão temos um dispositivo de produção com duas ou mais câmeras comutadas para gerar um sinal resultante que registra a ação em tempo real. O estúdio, palco dessa ação, é o local com condições controladas de áudio e iluminação, e portanto livre de surpresas de barulhos e ruídos, intempéries e mudança de horário, que sempre interrompem uma gravação. A TV comercial criou e

² - O Canal Universitário de São Paulo, que existe desde 1997, funciona em regime de condomínio e assistiu a mudanças em sua composição algumas vezes. Só uma vez, no entanto, uma universidade decidiu sair do canal (e da TV a cabo, por consequência) independente de grave crise institucional. Foi a Universidade Cruzeiro do Sul, que preferiu manter sua equipe audiovisual somente para EAD.

desenvolveu eventos que se adequam a essa lógica: programas de auditório, novelas (na decupagem de sua unidade dramática, a “cena”), jogos esportivos, shows. Cabe a nós adequar esse dispositivo àquilo que uma instituição de ensino superior sabe fazer³.

Portanto, acerta Donesca Calligaro (2013, p.31) quando aponta que “A multiplicação dos canais universitários brasileiros reflete a vontade das instituições de ensino superior de fazer televisão”. É, antes de tudo, o seu maior motor. É um trabalho em rede, nos moldes que Cecília Salles definiu (2006, p. 17): “simultaneidade de ações, ausência de hierarquia, não linearidade e intenso estabelecimento de nexos [...] a rede ganha complexidade à medida que novas relações vão sendo estabelecidas”.

O custo do talento

Um planejamento na ponta do lápis, inclusive, aponta contradições que só a prática resolve. Entre elas, a agregação de competências em uma mesma pessoa.

A TV comercial cresceu dividindo tarefas. Por conta de sua lógica de preenchimento de grade, precisava dar conta de um extenso número de horas com programação original (sem reprises). Os equipamentos eram novos e desconhecidos, e pareciam complicados de se manusear.

Na TVU não há salário para cada um das funções. Tome-se a produção de imagens por cinegrafistas, por exemplo. A normatização federal estabelece até seis horas diárias de trabalho, e as suas funções não extrapolam a operação competente de uma câmera profissional⁴. Ora, essa norma não reflete a realidade das TVUs, e de nenhuma TV alternativa. As câmeras se tornaram

mais familiares, e não é imprescindível tanta destreza em sua operação. Nem tampouco são utilizadas as seis horas diárias nessa função. O mesmo ocorre com outras funções (diretor de imagens, editor de imagens, jornalista, produtor, etc.) cuja somatória de custos tornaria a TV algo inviável num primeiro momento. A solução passa à margem dessa regulamentação, que é fruto da negociação dos sindicatos com as (poucas, então) emissoras comerciais, sem qualquer colchão para emissoras alternativas. Vemo-nos então novamente o entusiasmo e o desejo de fazer TV, e mais o talento, as forças motrizes da TV Universitária.

O talento e as múltiplas funções, feitas de forma voluntária, existem à nossa volta, mas não são recursos infinitos. É natural que o aluno (ou o profissional) talentoso migre da TV alternativa para uma oportunidade que lhes dê maior exposição e remuneração. Isso deve ser celebrado pela equipe, como quem cumpre os seus objetivos. Equilibrar a circulação de alunos variados com um corpo técnico fixo, mantendo no ambiente o mesmo desejo e prazer de fazer (e compartilhar) audiovisual, é um dos maiores desafios da administração de uma TV Universitária. Essa lógica de formadora de mão-de-obra qualificada está embutida na própria constituição das TVs, que são alimentadas pelas IES ou, em última instância, pelas mensalidades dos alunos (no caso das instituições pagas). Uma TV Universitária, portanto deve se conformar com seu papel coadjuvante no panorama das comunicações, fato que não tem sido consensuado com facilidade no discurso sobre as TVUs. A lógica de dependência de certa forma responde às teses observa-

das por Alzimar Ramalho (2013, p. 22) de Autonomia (tese 1) e Auto-financiamento (tese 7).

Portanto, se equivocou quem acha que uma grade de programação, para existir, deva ser necessariamente intensa e diversa: existem muitas maneiras de preenchê-la. Ainda nos anos 1990, por exemplo, a CNN mantinha um canal a cabo com apenas 30 minutos de programação, randômica: a *CNN Headlines News*. A ideia era que muita gente queria se atualizar dos fatos do dia, mas não dedicaria mais que meia hora do dia para isso. Ora, esse mesmo conceito, de uma programação boa, condensada, mas curta e circular, para que todos vejam um pouco, a qualquer hora, não poderia ser aplicada de alguma maneira aos canais que dispomos?

Ainda que a repetição da programação possa ser uma alternativa, é fato que o CNU de São Paulo, que participamos e cuja direção integramos, valoriza (e contabiliza!) as horas originais da programação. A TV PUC, mesmo sendo uma das mais produtivas, produz de 9 a 10 horas originais por mês, o que – convenhamos – não é uma enormidade.

TVUs no tempo de Internet: um conceito

Pouco espaço, na Revista da ABTU, é dedicado à relação das TVUs com a Internet. Qual o papel das TVs Universitárias no momento que a Internet cresce, e ocupa espaços de audiência segmentada? A TV trabalha com escalas de audiência muito superior à Internet. Ainda assim percebe-se que a relação das TV Universitárias com a Internet desperta insegurança e dúvidas. É certo que a Internet cresce mais rápido que a audiência

³ - É certo que não se faz uma TV Universitária somente em estúdio, pois esta ficaria muito fechada, abafada: programas na rua e com tomadas externas são importantes. Mas essa conclusão é uma das muitas que o grupo perceberá, no caminhar dos acontecimentos.

⁴ - Lei nº 6.615, de 16 de dezembro de 1978

dos canais de TV. Mas não é certo que continuará a crescer, ou que todo mundo “fará” sua própria TV, como preveem alguns otimistas da interatividade. Fato é que as pessoas apreciam assistir televisão, e se submetem a um canal (ou vários), que tem sua clivagem: neste canal assisto coisas de tal âmbito, em outro espero com ritmo mais intenso, e assim por diante, desenhando a diversidade e complementação de públicos (ou de estados de espírito?) que caracterizam o *line up* das programadoras de cabo. Alguns podem sugerir que, sendo o conteúdo do ensino superior desenhado para uma minoria, esta não poderia se encontrar nos grupos de Internet? Ora, isso seria uma tremenda perda. Relegar os canais ao mercado proporcionaria um sem-número de canais religiosos ou de vendas de produtos, em detrimento de uma forma de educação, informação e entretenimento saudáveis. Enfim, um canal obrigatório em TV por assinatura é um patrimônio que jamais pode ser subestimado. Entendemos que o canal universitário possa ser encarado como uma espécie de *chancela* para um programa, ou vídeo. E que sua programação deva estar disponível na Internet, para consultas posteriores, sob várias possibilidades de acesso. É possível (e provável) que o público agregado da Internet supere o da TV, o que não a invalida. Ao contrário, o internauta assistirá “um programa exibido no Canal Universitário”, o que lhe confere um estatuto específico.

Recursos públicos

O Governo Federal pouco, ou nada, concedeu às TV Universitárias em termos de recursos. Mesmo com a milionária disponibilidade do Fundo Setorial Audiovisual, o Governo, na figura da ANCINE, ignora as TVUs, e protela qualquer contato ou encaminhamento da inevitável aproximação. Por sua

vez, o “papel social” das TVUs, tantas vezes mencionada na Revista (artigos de Magalhães, Ortiz, Martelli e Kerbauy, Ramalho) parece ser a razão dos esforços de caracterização das TVUs como parte integrante do conceito de TVs públicas. É verdade que as TVs Universitárias, ao “... estender o ensino, a pesquisa e a cultura a toda a comunidade acadêmica e à sociedade” (Paviani in de Carli, Trentin citado por Magalhães, 2013 p. 11) caracteriza-se como um serviço público, e como tal, se credencia a receber apoio oficial. Mas iludem-se os que acham que recursos federais viabilizam ou garantem a TV Universitária. Sabe-se o quão difícil é a obtenção de recursos e quão exigente tem sido as contrapartidas de prestação de contas para editais de produção com recursos públicos. Ora, uma TV constitui-se de fluxos de produção, e não de produtos isolados. E não se tem ciência de apoio oficial à sustentação de produções contínuas, que caracteriza uma TV em comparação com um audiovisual. O financiamento dos equipamentos a fundo perdido por uma universidade pública é certamente um começo. Não é fácil, ou tampouco rápido. E não dá conta da crescente despesa de manutenção das TVs (leia-se: salários) em relação à aquisição dos meios de produção. Em resumo: a solução de recursos não virá do governo, ainda que esse pode (e deve) oferecer apoio às TVs Universitárias existentes.

Unidade e diversidade

As opiniões expressas na revista trazem uma antiga discussão sobre a diversidade. Pergunta-se se um canal composto de unidades tão diferentes (universidades públicas, comunitárias, confessionais e privadas, e com ampla diferenciação dentro delas) poderiam se constituir em um único canal de TV. Ramalho (apud Martelli e Kerbauy,

2013, p. 17) afirma que :

“ O grande desafio é exatamente construir uma unidade nesta diversidade, já que a maioria segue o modelo de divisão de horas por instituição, criando uma verdadeira ‘colcha de retalhos’ prejudicando, assim, a identidade do canal segundo sua audiência. ”

É uma opinião oposta à manifestada por Pena (2013, p. 25):

“ Outra grande vantagem da autonomia é a contemplação da diversidade. Cada instituição de ensino tem uma leitura própria sobre os meios mais adequados para a promoção da cidadania, o que possibilita a difusão de diversas visões sobre o tema. ”

Uma das referências de constituição de um canal com viés educativo é o canal Futura, que já foi criado como tal dentro das organizações Roberto Marinho, e que recebe contribuição fixa, anual, de treze sólidas organizações empresariais, que não se interessam, e possivelmente nem saberiam opinar na programação do canal.

No caso do Canal Universitário de São Paulo existiu, por um tempo, o desejo de se caminhar em direção a um canal unificado, ao invés da divisão de horários. Esse esforço não prosperou, e o desejo de unidade foi atendido com uma programação visual única para todos os integrantes.

O CNU foi criado como condomínio, e é improvável a mudança de sua constituição. Fica a pergunta: é possível mudar um arranjo institucional tão fundante como esse? Cada uma das sete universidades que hoje compõe o canal, daria recursos para um canal universitário

genérico, por melhor que fosse?

De toda maneira, coloco em discussão a crítica de “colcha de retalhos” a que as TVUs são comparadas. Afinal, o que é uma TV (qualquer uma delas) que não uma “colcha de retalhos”? Quem se esforça no distanciamento ao assistir qualquer canal de televisão percebe uma total fragmentação do espaço-tempo, estudado por Arlindo Machado (1988, 2000). Teorias de espectralidade (Hall e Fiske sobre a TV, Odin e Casetti e no cinema) demonstram as diversas formas de apreensão do audiovisual pelo amplo e diverso público. O que se percebe na verdade é um certo *mito da unidade*, reacendido episodicamente em diferentes áreas do audiovisual e que, em certas circunstâncias, justificam a intromissão de uns no trabalho de outros (e destacamos a suposta supremacia do procedimento técnico sobre o fazer artístico, ou do planejamento contra a espontaneidade). Fiquemos então com o elogio da diversidade de Pena e assumamos um espectador ativo na frente da televisão.

Experimentação nas TVs Universitárias

A questão da linguagem audiovisual é aventada em diversos momentos, sempre reclamando em direção ao experimental, à uma abertura. Magalhães (p. 11) menciona “a triste tendência dos estudantes em reproduzir conteúdos, formatos, e posturas já consagrados na TV... Falta criatividade e sobram conservadorismo e conformismo”. Ramalho (p. 21), falando do debate acerca da TV Pública, reclama que “pouco ou nada se fala do que é propriamente televisivo, da linguagem audiovisual, dos gêneros e dos discursos que esse tipo de televisão deveria mostrar e experimentar”. Ramalho (p. 22) detecta

“Uma busca permanente de novas expressões, através dos diferentes gêneros, a expressão de novos rostos e vozes marginalizados pelos outros meios, a experimentação artística, o fomento à criatividade e à expressão” (tese 5).

Sem discordar dos autores, acho que se imputa uma exigência muito grande para quem está se iniciando (alunos) ou para profissionais da área. Lembro-me quando uma profissional de uma grande rede de TV me ligou perguntando se não tinha em meu acervo obras criativas e inovadoras, “assim do tipo de ‘Ilha das Flores’⁵”, ignorando que uma obra-prima como aquela acontece ao longo de uma geração, e que não germina em universidades da maneira como aquela produtora gostaria. Enfim, uma obra inovadora acontece tão frequentemente como um texto inovador, uma pintura instigante, uma obra de arte fora da curva. É muito raro. E uma vez detectado, quando “dá certo” (quando comunica, e a criatividade é imediata e amplamente reconhecida), é rapidamente absorvida pela TV comercial (sejam seus autores, sejam seus procedimentos).

Na realidade essa experimentação acontece, e com frequência. Às vezes ocorre na eventualidade de um “erro” (entendido como ocorrência não esperada), que “dá certo” e permanece no texto audiovisual sem modificação. Do erro à opção de linguagem assumida exige a identificação do que ocorreu, como/porque ocorreu, e sucessivas repetições, agora de forma deliberada. Neste processo, alunos e técnicos tem que vencer os próprios conceitos e permitir que o novo (e o diferente) triunfe. Isso não é trivial. A dificuldade diz respeito à própria expectativa e aos comentários de outros. Expectativa, pois o embate hoje em dia é

pela inserção do jovem no mercado de trabalho (que seria possível, segundo crêem, ao longo do reconhecimento de uma performance convencional). E os comentários podem reverberar a atitude como “erro”, como incapacidade, falta de auto-avaliação, descuido e não como criação deliberada e, como tal, arriscada. A inovação, quando alcançada e identificada, exige um permanente esforço de manutenção no âmbito da convicção interna e conhecimento compartilhado.

Talvez, enfim, a crítica proceda e nós, professores do audiovisual não estejamos sabendo conceituar e estimular a criatividade nos alunos, tal como nossos professores souberam estimular em nós nos anos 1980. Pode ser uma questão geracional. Lembre-se que naquele tempo vivia-se uma ditadura política (ainda que em recuo), e as alternativas audiovisuais eram absolutamente desastrosas (cinco canais de TV abertos, entre os quais reinava a “vênus platinada”). A necessidade de inovar ardia na pele. A universidade era o local por excelência para sinalizar a mudança.

Contribuição da TV PUC

A TV PUC é uma TV Universitária com certa tradição. Nasceu, pode-se dizer, dentro de uma oportunidade. A TV PUC originou-se como circuito interno de TV dentro de um quarteirão altamente intelectualizado, numa perspectiva crítica que fazia falta à sociedade brasileira naquele momento (e ainda o faz, é verdade). O fato é que nós, professores de audiovisual da época, colocávamos um monitor em cima de cadeiras, no refeitório, e exibíamos vídeos dos alunos, que assim tinham um *feedback* imediato de sua produção: o que funcionava, o que não.

Vinte e cinco anos depois, a TV consolidou seu espaço na univer-

⁵ - Filme curta metragem de Jorge Furtado, 1989.

sidade e no panorama audiovisual das TVs Universitárias. Soube entender o momento da implantação da Lei do Cabo (1995) e, pela ação do prof. Gabriel Priolli, organizou o canal de São Paulo e a própria ABTU – Associação Brasileira de Televisão Universitária.

Quero compartilhar algumas experiências que fizemos ao longo dos últimos sete anos em que estive na direção da TV PUC. Sejam de forma pontual, sejam com programas que se prolongam e mesmo estruturam parte da programação da TV PUC, creio que tem algo a contribuir com a discussão que se faz em torno da TV Universitária, e dá corpo a algumas das inquietações acima.

PUC Faz TV

O trabalho em parceria é a solução que encontramos para diversos de nossas questões, que vão de falta recursos à qualificação e averiguação dos conteúdos. O eixo programático *PUC faz TV* é uma linha de trabalho onde qualquer grupo de professores da instituição (núcleo de pesquisa, programa, departamento, faculdade, etc.) produz uma série. Trata-se de programas de entrevista, onde o setor parceiro fornece o entrevistador (via de regra um professor da casa) e agenda os convidados (um ou dois por programa). Cada programa dura 26 minutos e é gravado em “tempo real”, ou seja, o tempo de gravação equivale ao tempo de exibição. Só se aceita material de arquivo (fotos, desenhos, filmetes) trazido antes, nunca depois (pois teria menos aderência e maior dificuldade de edição).

Ao invés de receio ou timidez, o professor, desenvolve suas qualidades dialógicas, em especial a sua escuta qualificada. O grupo de professores (e alunos) em torno do programa acaba consolidando um verdadeiro diálogo com pesquisas e organizações afins e além, ex-

pandindo a circunscrição de interesse inicial. Não importa a profundidade da pesquisa, é priorizada sempre a clareza na explanação. A TV participa com recursos técnicos e humanos para colocar o programa no ar e no site do canal. Resulta desse esforço uma produção intelectualmente qualificada em volume compatível com a disponibilidade e com os tempos de TV: em uma mesma tarde, por exemplo, pode-se gravar 4 ou 5 programas de 26 minutos cada. “Não é chato, só tem gente falando?” é o que podemos ouvir de quem não assistiu aos programas. A resposta é: quando a entrevista é boa, não necessita de imagens de cobertura. Quando não é, não há material de arquivo que a torne interessante. A conclusão é que a TV Universitária pode ocupar um espaço significativo dos *programas de entrevistas* onde poucos canais se arriscam, seja por falta de conteúdos (interlocução) seja por sua aposta na vulgarização como recurso por disputa de audiência.

Filmes etnográficos

Como se sabe, existe uma ala disponibilidade de filmes e vídeos interessantes, que jamais alcançam o público que merecem. Os inúmeros festivais de audiovisual pelo país são um exemplo, cujos filmes temos pouco ou nenhum contato. No Festival Pierre Verger de filmes e vídeos etnográficos (ligado à ABA - Associação Brasileira de Antropologia), que aconteceu na PUC SP em 2012, fui convidado para integrar o júri de seleção, e sugeri que se colocasse ítem na ficha de inscrição, que autorizava a exibição daquele audiovisual em TV Universitária. O resultado foi que muitos vídeos que jamais seriam vistos (ou compreendidos) foram agrupados em programas de 26 minutos, dentro da chancela da antropologia visual. Foi uma forma de cumprirmos nossa missão como

TV alternativa, que exhibe o que outros canais não exibem.

Depoimento

Depoimento é um formato, ainda em experimentação, feito “com um entrevistado, um entrevistador, um tema, e nenhuma imagem de arquivo”. Uma vez acertadas essas variantes, gravamos uma entrevista com um professor aposentado, ou uma personalidade que vivenciou determinada época, ou uma ação profissional muito particular, e cujo registro e divulgação são do âmbito do ensino superior. Um entrevistador afinado com o tema está fora de quadro, mas não fora de campo (não é visto, mas é ouvido), mantém a conversa viva e interessante, e com certa fidelidade ao tema proposto. A proposta de prescindir de imagens de arquivo é ao mesmo tempo uma crítica à redundância na TV (que mostra o que se vê, e vice versa, sem uma relação instigante entre a expressão visual e verbal). É também uma resposta aos problemas da inserção de uma imagem de fora da conversa, que alguns autores do documentário apontam (NICHOLS, por exemplo) e que Eduardo Coutinho pratica. É, por fim, uma solução ágil, que acredita na palavra como expressão e na força do encontro de duas pessoas com qualidade para compartilhar um assunto relevante. É exibido no canal (e disponibilizado na Internet) versão quase integral do encontro, uma espécie de material bruto a ser vasculhado por pesquisadores e interessados.

Material de pesquisa

De forma análoga ao item anterior, acreditamos que uma certa forma de material bruto ou pouco acabado, seja compatível de exibição sem maiores comentários ou amarrações. Assisti a uma exibição do acervo da Cinemateca Brasileira referente a filmes em São Paulo dos anos 1910 e 1920 e percebi como

seria interessante a sua disponibilização “à seco” no canal e na Internet. Disponibilizar materiais em estado mais bruto é uma postura universitária, que acredita no valor de pesquisa e na possibilidade de criação e fabulação do espectador. Não precisa ser explicado e justificado, basta o contexto do *que é*, e *de onde veio* para que as pessoas se localizem e permitam-se navegar naqueles audiovisuais.

TV ao Vivo

A TV nasceu ao vivo, e ao vivo ela encontra seu potencial catalizador. Um formato que experimentamos por três semanas, e que ainda aguarda oportunidade para se desenvolver plenamente, é na entrada ao vivo de, digamos, 30 minutos diários. Imaginamos um

professor da casa entrando uma vez por semana, perfazendo então cinco programas (um para cada dia da semana).

Na experimentação que fizemos em 2007 alguns professores trabalharam em dupla, outros em time e outros enfim falam direto à câmera, mas todos “à quente”, como é implícito nas transmissões ao vivo. A partir de suas áreas (ciências sociais, administração, relações internacionais, filosofia, mas podendo ser ampliado para qualquer disciplina enfim) comentavam os acontecimentos da semana, proporcionando uma análise demorada de um ou outro aspecto que merecesse relevância. É uma forma de entender os fatos da vida, e de qualificar a audiência, sem as amarras dos tempos diminutos

e do entrevistador desconhecido que são comuns na TV.

Falamos de alguns momentos da TV PUC, que tem uma contingência muito particular. É uma universidade jovem mas com tradição, com setor forte de pós-graduação, e com destacado espírito crítico, cujos principais *campi* estão no coração da cidade de São Paulo. É com esses limites e potencialidades que nos desenvolvemos. Tenho certeza que propostas igualmente interessantes e inovadoras acontecem nesse momento e em diversos lugares do Brasil, de acordo com as oportunidades dadas. As ideias e suas manifestações estão aí, falta que as compartilhemos em fóruns como este e nos encontros da Associação Brasileira de Televisão Universitária.

REFERÊNCIAS

ABTU, Associação Brasileira de Televisão Universitária, revista nº 0, 2013. Disponível em <http://abtu.org.br/site/wp-content/uploads/2013/07/Revista-ABTU-00.pdf>

CASETTI, Francesco, dentro lo Sguardo, il filme e il suo spettatore Roma: Bompiani 1986

CALLIGARO, Donesca TVs Universitárias: em busca da identidade e autonomia financeira na Revista da ABTU n 0, 2013

FISKE, John Television Culture, Londres: Methuen 1987

HALL, Stuart, Encoding/decoding em HALL, Stuart, HOBSON, Dorothy, LOWE, Andrew e WILLIS, Paul (orgs) Culture, Media, Language Londres: Hutchinson 1980

MACHADO, Arlindo . A Arte do Vídeo. São Paulo: Brasiliense, 1988

_____. A Televisão Levada a Sério. 1. ed. São Paulo: Editora do Senac, 2000.

MAGALHÃES, Cláudio Marcio Dossiê Tv Universitária: 45 anos de experiência na Revista da ABTU nº 0, 2013

ODIN, Roger, A questão do público: uma abordagem sociopragmática em Teoria Contemporânea do Cinema II, Fernão Ramos (org) São Paulo: editora SENAC 2005.

HAMBURGER, E. I. . O Brasil antenado. A sociedade das Novelas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005

MARTELLI, Flávia e KERBAUY, M. Teresa TV universitária, um modelo em construção entre o público e o privado , Revista da ABTU, nº 0, 2013.

NICHOLS, Bill em A Voz do Documentário em Teoria Contemporânea do Cinema II, Fernão Ramos (org) 2005 São Paulo: editora SENAC

PENA, Felipe Estética, pluralidade e cidadania nas tevês universitárias Revista da ABTU, 2013, nº 0

RAMALHO, Alzimar A contribuição dos canais universitários para a comunicação pública, Revista da ABTU, 2013, nº 0

SALLES, Cecília A. Redes da Criação. Vinhedo: Editora Horizonte 2006.

STAM, Robert Introdução à teoria do cinema Campinas: Papirus 2013